

RN

Domingo, 1º de Setembro de 1957

RUBEM BRAGA

## A FOLGA

**O** DESABAMENTO de um antigo prédio desabitado sem a provocação do homem nem a intervenção do vento — tem tôdas as características de um suicídio por desgosto.

A terrível força moral das águas, logo após o afogamento: o mar, o açude, a lagoa escondendo o crime... Só o rio tem o ar de quem não se lembra mais: porque o rio que matou já vai longe...

No estado de ruína os velhos prédios se convertem à religião...

— IMPEDIDO! Im-pe-di-do!...

— Oh, pára de apitar impedimento, moral hipócrita, juiz-ladrão-de-meu-destino!

A môça, de tão magra e irreal, chegava às vészes a esvaír-se. Quando pressentia qualquer ameaça próxima, corria à rua para se oferecer aos reflexos e verificar se sua presença ainda repercutia.

Mirando-se certa vez diante de um espelho opaco, perdeu a respiração. E quase ia morrendo sufocada.

No desastre instantâneo há uma fulguração que não é do sol nem de nenhuma luz exterior.

Uma casinha transfigurada pelas chamas executa para suas companheiras de rua o «ballet» com que se despede de sua condição de casebre: é o seu momento de revanche e o único de esplendor.

Um êrro de cálculo explica o desabamento de um edifício.

Mas por que não pensar também na rebelião das paredes contra o que se passa entre elas?

Qualquer que seja a arquitetura dum edifício, seus escombros obedecerão ao estilo barroco.

O leitor deve estar me achando hoje muito inteligente, sensível, fino. Sem falsa modéstia, sou apenas malandro. Todos os trechinhos acima eu roubei do livro «Cadernos de João», de Aníbal Machado, que José Olímpio acaba de lançar em um volume tão bonito como raramente se vê no Brasil. Que os leitores me agradeçam; e obrigado, Machado, por esta folga.

388